

Sábado, 22.08.1914

Viriato Soromenho- -Marques



"Sangue, sangue, há de chegar a beber-se sangue no chão – rezam os vaticínios." Com estas palavras encerrava Aquilino Ribeiro a sua entrada de 22 de agosto de 1914, num diário que daria origem à sua obra *É a Guerra* (Livraria Bertrand, 1958). O escritor português, vivendo nessa altura em Paris, com a sua mulher alemã e o seu filho de tenríssima idade, descreve as primeiras semanas de guerra a partir da capital francesa, antes de procurar abrigo seguro para a sua família em Portugal. Aquilino descreve, quase como um cientista elaborando um protocolo laboratorial, a vertiginosa transição química das almas de uma época de paz e narcisismo europeu para uma era que incendiou a Europa, até 1945, no holocausto dos ódios nacionalistas. Desde Waterloo (1815) que os europeus não testemunhavam nenhuma guerra europeia generalizada (as campanhas prussianas de 1864 a 1870, contra a Dinamarca, a Áustria e a França foram breves e cirúrgicas). Os europeus limitavam-se a refregas menores contra povos colonizados na África e na Ásia, sem capacidade militar para poderem rivalizar com o seu poderio tecnológico. Há exatamente 106 anos, a França sofreu o maior número de mortos militares num só dia de batalha da história moderna. Na abertura da ofensiva do Somme, em 1 de julho de 1916, os britânicos perderiam perto de 20 000 homens. No início da sua grande ofensiva de primavera de 1918 (a *Kaiserschlacht*, iniciada a 21 de março), a Alemanha sacrificaria quase 11 000 soldados. Nesse tórrido 22 de agosto de 1914, numa frente ampla nas zonas fronteiriças da França com a Bélgica e a Alemanha, Paris perderia 27 000 militares. Nesse dia, decidiu-se a derrota francesa na chamada Batalha das Fronteiras, mas o mais impressionante é o recalamento que ainda persiste na historiografia da Grande Guerra (e não só da francesa), privando esses mortos do direito à memória do seu sacrifício absurdo.

A mais importante causa desse banho de sangue terá sido a incompetente preguiça do Estado-Maior gaulês, com Joffre à cabeça, que continuava a fazer planos de batalha para o século XIX, tentando reencenar a ousadia de Napoleão através da doutrina da "ofensiva extrema" (*l'offensive à outrance*), ignorando o exponencial aumento do poder de fogo obtido com as modernas espingardas, as metralhadoras pesadas e uma artilharia cada vez mais certa. Os soldados franceses foram lançados em vagas sucessivas, envergando os seus suicidários uniformes azul e vermelho, contra forças alemãs mais bem treinadas e mais inteligentemente comandadas. Mas o que importa pensar são as razões que mantiveram essa fábrica de morte a funcionar depois desse dia. Como foi possível as nações odiarem-se como se fossem espécies biológicas inimigas, como pressentiu Andrade Corvo em 1870? O que levou os europeus a devorarem-se durante décadas, imitando a carnificina entre gregos na Guerra do Peloponeso, como antecipou Nietzsche em 1878? Alguém acredita que poderemos estar tranquilos, e que mesmo com uma viril cultura da paz democrática esses demónios jamais tentarão regressar do seu inferno?

Professor universitário